

# Líderes estudantis estranham aceitação de praxes violentas

► Inquérito divulgado ontem pelo JN indica que a violência na praxe académica não será rejeitada por um terço dos alunos da Universidade de Coimbra ► Dirigente associativo considera que os caloiros violentados tendem, mais tarde, a "vingar-se"

Nelson Morais \*

**D**ingentes estudantis de diferentes academias do país mostraram-se surpreendidos e perturbados com os resultados do inquérito divulgado ontem pelo JN, que indica que quase um terço (32,3%) dos alunos da Universidade de Coimbra (UC) não se opõe à prática de actos de "violência física ou simbólica" no âmbito da praxe académica.

"Acho perturbador que tanta gente apoie qualquer tipo de violência na praxe", disse à Lusa o presidente da Associação Académica da Universidade da Beira Interior, Bruno Carneiro, sobre o resultado do inquérito, feito pelo sociólogo Elísio Estanque e pelo historiador Rui Bebiano, a 2809 alunos da academia de Coimbra.

Bruno Carneiro adiantou uma explicação para as conclusões do estudo realizado pelos investigadores do Centro de Estudos Sociais da UC: "Penso que isso aconteceu porque muitos caloiros ainda são guiados por pessoas que exercem essa violência e os humilham. Depois de passarem alguns anos, esses caloiros já podem praxar e querem vingar-se pelo que sofreram", observou o dirigente estudantil, onde há um código de conduta que diz que "são proibidas as praxes quando o caloiro ou o veterano esteja visivelmente alcoolizado".

Em Coimbra, o presidente da Associação Académica, Fernando Gonçalves, manifestou-se contra a violência na praxe, acreditando que "a larga maioria" dos colegas partilha desta opinião. "A violência na praxe não é o melhor método para integrar os estudantes", afirmou Gonçalves.

O presidente da Associação Académica da Universidade de



Inquérito diz que só 18,5% dos alunos da Universidade de Coimbra querem o fim da discriminação sexual

MANUEL CORREIA

Vila Real, Bruno Gonçalves, considerou "estranha" a resposta dada por um terço dos estudantes da Universidade de Coimbra, por considerar que a praxe "não tem nada a ver com violência". De qualquer modo, referiu que a associação académica que dirige também promoveu um inquérito a 1250 alunos, cujos resultados serão divulgados em Junho, "para saber o que os estudantes pensam em relação à praxe [e] para que possam ser corrigidas situações menos agradáveis, antes do próximo ano lectivo".

A iniciativa, segundo Bruno Gonçalves, foi tomada após a divulgação de um inquérito feito a 43 caloiros que denunciaram praxes violentas. "Os 43 alunos não são representativos da opinião dos 1200 caloiros que este ano entram para esta universidade", comentou o dirigente.

O estudo da UC também indica que 28% dos inquiridos não releva o carácter facultativo da praxe. Ora, para o presidente da Federação Académica do Porto, Pedro Barrias, a obrigatoriedade da praxe retiraria "todo o espírito daquilo que se vive na universidade". Por isso, "deve ser partilhada por todos e não deve ser imposta a ninguém", disse Pedro Barrias.

Sobre o facto de só 18,5% dos universitários de Coimbra assinalar como importante a revisão da praxe "no sentido da não discriminação sexual entre homens e mulheres", a presidente da Associação de Estudantes da Universidade de Évora, Daniela Castanho, defendeu que "a tradição académica não tem nada a ver com discriminação sexual". "Ainda para mais se nos lembrarmos que, no ensino superior, há muito mais mulheres do que homens", acrescentou. ◀

## Investigadores "vítimas" de "erro informático"

► Os resultados do inquérito feito a 2809 alunos da Universidade de Coimbra pelos investigadores Elísio Estanque e Rui Bebiano foram cedidos ao JN pelos próprios autores e revelados, ontem, em primeira mão. No quadro relativo à praxe académica, o estudo colóca oito questões aos inquiridos e as respostas aparecem agrupadas em duas colunas. Uma diz respeito a quem respondeu "sim", a outra aos que disseram "não". Mas, após o "embate muito forte" da notícia de que um terço dos alu-

nos concordava com praxes violentas, Elísio Estanque veio dizer que houve um "problema informático" que levou a uma leitura "um bocado distorcida" dos resultados sobre a praxe. Sustentou que "as respostas não eram nem de sim nem de não, mas foram tratadas dessa maneira pelo computador". O que realmente foi pedido aos alunos, garantiu, foi que escolhessem as três das oito opções a que atribuíam maior importância. Assim, não se poderia dizer que 32,3% dos inquiridos concordam com a violência na praxe, mas

apenas que 67,7% consideram importante "repudiar qualquer forma de violência física ou simbólica" na praxe. E também não se poderá afirmar que 81,5% são contra a discriminação sexual da praxe, mas só que 18,5% acham importante haver igualdade de direitos entre homens e mulheres. Estanque reconheceu que o estudo continua a revelar "tendências preocupantes" e assegurou que não sofreu "nenhum tipo de pressão" para vir, ontem, dar uma nova imagem dos resultados. ◀

\* com Lusa



**Dirigentes estudantis  
perturbados com o apoio  
às praxes violentas**

Autores de estudo ontem  
divulgado pelo JN tentam  
suavizar resultados negativos

© 2013 Página 32